

SKOPOS E (IN)CERTEZA: COMO TRADUTORES/AS FUNCIONAIS LIDAM COM A DÚVIDA

SKOPOS AND (UN)CERTAINTY: HOW FUNCTIONAL TRANSLATORS DEAL WITH DOUBT



Christiane NORD

Professora

Universidade do Estado Livre

Bloemfontein, África do Sul

http://www.christiane-nord.de/?de_curriculum-vitae,44

orcid.org/0000-0002-4385-9566

post@christiane-nord.de

Traduzido por:

Grupo Textos Fundamentais em Tradução

1

Monique PFAU
Professora Adjunta
Coordenadora da tradução
Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Salvador, Bahia, Brasil
lattes.cnpq.br/2813361820674391
orcid.org/0000-0002-6388-5737
moniquepfau@hotmail.com

Nathalia Gabriela Lopo FERREIRA
Mestranda pelo Programa de Pós-
Graduação em Língua e Cultura
Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Salvador, Bahia, Brasil
lattes.cnpq.br/0256298290112344
orcid.org/0009-0000-8735-8221
natglopo@gmail.com

Sacha Costa Primo PEREIRA
Graduada em Línguas Estrangeiras
Aplicadas às Negociações
Internacionais
Universidade Estadual de Santa Cruz
Departamento de Letras e Artes
Santa Cruz, Bahia, Brasil
lattes.cnpq.br/5200188201246434
orcid.org/0009-0003-2464-7810
sachaprimo@gmail.com

Ariella Beatriz Gama Gomes da
SILVA
Graduada em Letras / Inglês
Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Salvador, Bahia, Brasil
lattes.cnpq.br/7447309786098994
orcid.org/0009-0004-7877-3385
ariella.1@hotmail.com

Ana Clara Cerqueira Santos de
SOUZA
Graduada em Letras/Inglês
Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Salvador, Bahia, Brasil
lattes.cnpq.br/2470253818229524
orcid.org/0009-0001-0593-0771
anaclaracss21@gmail.com

Letícia Vitória Pimentel da SILVA
Graduada em Letras Inglês e
Vernáculos
Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Salvador, Bahia, Brasil
lattes.cnpq.br/4189743420534031
orcid.org/0009-0006-9105-6166
leticiapimentel45@gmail.com

Fernanda da Silva Góis COSTA
Mestre pelo Programa de Pós-
Graduação em Língua e Cultura
Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Salvador, Bahia, Brasil
lattes.cnpq.br/4443628036930956
orcid.org/0000-0002-6121-1106
nandacosta1995@gmail.com



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Resumo: Quando o assunto é tradução, não há regras. Traduzir é um processo que envolve tomada de decisões, e cada uma delas gera incerteza. Partindo da perspectiva da teoria do *skopos*, pretendo mostrar como um procedimento *top-down* pode, até certo ponto, minimizar essa incerteza. O nível mais alto é o do encargo da tradução, que determina a escolha do tipo e forma da tradução. Essa é uma decisão polarizada. Uma tradução documental geralmente “documenta” a pragmática do texto-fonte, enquanto uma tradução instrumental possui uma pragmática própria, por exemplo, com relação à dêixis. No próximo estágio, o/a tradutor/a precisa lidar com as normas e convenções culturais. Nesse momento, a tomada de decisão se torna mais complexa porque o encargo pode exigir a reprodução de alguns aspectos da cultura-fonte e a adaptação de outros às convenções da cultura-alvo, tanto em traduções documentais quanto instrumentais. O próximo estágio é a língua. É possível pressupormos que a maioria das traduções deve estar em conformidade com as normas do sistema da língua-alvo. Entretanto, podem haver casos em que as normas da língua-fonte tenham que ser reproduzidas, por exemplo, em uma tradução interlinear (palavra por palavra) para propósitos linguísticos. Nos dois últimos níveis, as demais dúvidas devem ser sanadas, primeiramente, de acordo com as limitações contextuais e, por fim, seguindo as preferências pessoais do/a tradutor/a, se necessário.

Palavras-chave: Encargo da tradução. Convenções. Procedimento *top-down*. Teoria do *skopos*. Tipologia da tradução.

Abstract: *There are no rules for translation. Translation is a decision-making process, and each decision point involves uncertainty. In the following article, I would like to show how, from a skopos-theoretical perspective, a top-down procedure can at least reduce uncertainty to some degree. The top level is that of the translation brief, which determines the choice of translation type and form. This is a binary decision. A documentary translation usually “documents” the pragmatics of the source text, whereas an instrumental translation gets a pragmatics of its own, for example with regard to deixis. At the next level, the translator has to deal with cultural norms and conventions. Here, the decision becomes more complex because the brief may require the reproduction of some source-culture behaviours and the adaptation of others to target-culture conventions, both in documentary and instrumental translations. The next level is that of language. We may safely assume that most translations are expected to conform to the norms of the target-language system, but there may be cases where source-language norms have to be reproduced, for example in an interlinear translation for linguistic purposes. At the last two levels, the remaining doubts have to be resolved first in line with contextual restrictions and, ultimately, the translator’s personal preferences, if necessary.*

Keywords: *Conventions. Skopos Theory. Top-Down Procedure. Translation Brief. Translation Typology.*

Résumé : *La traduction ne connaît pas de règles. La traduction est un processus de prise de décisions, formé d’étapes dont chacune comporte une part d’incertitude. Dans l’article qui suit, j’entends montrer en quoi une procédure descendante peut au moins permettre de réduire cette incertitude dans une certaine mesure. Au sommet se trouve le cahier des charges, qui détermine la nature et la forme de la traduction. Il y a ici un choix binaire à faire entre traduction documentaire, qui met en valeur les aspects pragmatiques du texte source, et traduction instrumentale, qui met en œuvre une pragmatique nouvelle, en réorganisant par exemple la deixis. L’échelon suivant est celui des normes et conventions culturelles. La décision devient alors plus complexe, car le cahier des charges peut appeler à reproduire certains comportements de la culture-source et parallèlement à en adapter d’autres aux conventions de la culture-cible – et cela qu’il s’agisse de traduction documentaire ou instrumentale. Le troisième échelon fait intervenir la langue. Certes, nous pouvons dans la plupart des cas nous attendre à ce que la traduction s’aligne sur les normes du système formé par la langue-cible. Certains cas peuvent néanmoins nécessiter de reproduire les normes de la langue-source, par exemple pour réaliser une traduction interlinéaire à des fins linguistiques. Les deux derniers niveaux supposent enfin de dissiper ce qui reste de doute, en prenant d’abord en compte les restrictions d’ordre contextuel et, in fine, les éventuelles préférences personnelles du traducteur.*

Mots-clés : *Cahier Des Charges. Conventions. Procédure Descendante. Théorie Fonctionnaliste. Typologie Des Traductions.*

SKOPOS E (IN)CERTEZA: COMO TRADUTORES/AS FUNCIONAIS LIDAM COM A DÚVIDA¹

A maior regra de uma teoria de ação tradutória é a “regra do skopos”: toda ação é determinada pelo seu propósito, i.e., a ação é uma função do seu propósito ou skopos². (Reiß and Vermeer 1984/2013: 90, tradução nossa)

1. Introdução

Quando eu estava estudando para ser tradutora, a pergunta “Como xyz deve ser traduzido?” geralmente era respondida com um “Depende...”, e então um/a professor/a poderia acrescentar “do tipo de texto”, outro/a falaria “da disponibilidade de uma estrutura, palavra, expressão ou frase (potencialmente) equivalente na língua-alvo”, e outro/a ainda diria “do contexto”. Os/As estudantes aprendiam a se adaptar a essas orientações *incertas* da melhor forma possível, para assim obterem uma boa nota e passarem na prova. Depois de se formarem, eles/as precisavam lidar com solicitantes ou agências que nem sequer especificavam do que a tradução dependia, porém solicitavam “simplesmente uma tradução” — o que contribuía para as suas *incertezas*.

A partir de uma perspectiva teórica do *skopos*, essas incertezas parecem pertencer a um passado distante, pois agora sabemos que, de acordo com Reiß & Vermeer (1984, 2013, p. 90), toda ação é determinada pelo seu *skopos*. Se traduzir é uma ação, ou seja, uma atividade intencional, essa ação também é regida pelo seu *skopos* — e isso é tido como uma “regra”, ou seja, uma *certeza*. Mas qual é o *skopos* de uma tradução específica, e como, ou por quem, ele é definido? É nesse momento que as *incertezas* podem ressurgir no processo de tradução.

Neste artigo pretendo mostrar como uma abordagem *top-down*, ao menos até certo ponto, pode superar essas incertezas. Para ilustrar meus argumentos, utilizo um pequeno corpus de exemplos retirados dos seguintes textos: *Les enfants de Jocaste: L’empreinte de la mère*, de Christiane Olivier (1980)³, sua tradução em inglês, *Jocasta’s Children: The Imprint of the Mother*, realizada por George Craig (1989)⁴, a tradução em português brasileiro, *Os Filhos de Jocasta*, realizada por Neide Luzia de Resende (1986)⁵, e a tradução em alemão, *Jokastes Kinder: Die Psyche der Frau im Schatten der Mutter*, realizada por Siegfried Reinke (1989)⁶.

2. O processo de tradução em uma perspectiva funcional

A partir de uma perspectiva teórica do *skopos* ou funcional, o processo de tradução se inicia por uma pessoa que precisa da tradução de um texto específico e solicita um/a tradutor/a para realizá-la. De certa forma, o/a solicitante apresenta o encargo da tradução, que pode ser

específico, mas geralmente é vago. “Você poderia traduzir esse texto? Preciso dele para amanhã!” Esse encargo não menciona, por exemplo, a língua fonte ou alvo (porque o/a solicitante contratou um/a especialista para a tradução inglês-francês), o propósito ou o público-alvo, se será publicado, e, se for, qual será o meio. Somente a data de entrega foi dita: amanhã. Isso quer dizer que o/a tradutor/a deve “interpretar” esse encargo para descobrir o que ele significa para o verdadeiro processo de tradução. Talvez seja conveniente pedir mais detalhes para o/a solicitante – já que não são especialistas em tradução: como podem saber qual conhecimento é necessário da “situação” alvo para que um/a tradutor/a tenha uma ideia de como o texto-alvo deveria ser? De todo modo, o resultado dessa interpretação do encargo será um “perfil do texto-alvo”.

Em seguida, o perfil do texto-alvo será comparado com o conteúdo do texto-fonte. A tarefa é viável? Se sim, é viável em um período de tempo tão curto? Suponhamos que sim. Isso significa que o/a tradutor/a terá que elaborar uma estratégia: como o objetivo (o *skopos*) pode ser alcançado da forma mais eficiente possível? Essa estratégia será a diretriz geral para todo o processo de produção do texto-alvo, no qual os problemas tradutórios devem ser resolvidos e alinhados ao *skopos*. Por fim, o texto-alvo pronto será comparado com as especificidades do encargo da tradução para o controle de qualidade. Se a tradução cumprir com essas especificidades, será uma tradução “adequada” e poderá ser entregue para o/a solicitante.

Esse processo não é fechado, mas um movimento contínuo que inclui todo tipo de pequenos movimentos circulares recorrentes para pesquisa e documentação e para correções ou revisões⁷. Levý compara esse processo com um jogo estratégico no qual o/a tradutor/a deve lidar com o que significa “informação completa” num dado momento:

[...] uma vez que o processo de tradução tem a forma JOGO COM INFORMAÇÕES COMPLETAS – um jogo em que cada jogada subsequente é influenciada pelo conhecimento das decisões anteriores e pela situação resultante (por exemplo, xadrez, mas não jogos de baralho) (Levý. 1967, p. 1172 *apud* Nord, 2016, p. 72).

A incerteza pode ocorrer em todas as fases do processo de tradução: na interpretação do encargo da tradução (especialmente se estiver confuso ou muito complexo), na análise, na compreensão e interpretação do texto-fonte, no planejamento da estratégia de transferência, na produção do texto-alvo, no controle de qualidade e em todos os níveis de língua e cultura.

As razões para a incerteza podem ser diversas. Na formação de tradutores/as, a incerteza

muitas vezes ocorre devido a uma falta de proficiência no que tange às línguas e culturas fonte e alvo, domínio e conhecimento terminológico ou técnicas de transferência. Incerteza desse tipo pode ser reduzida ao assegurar que o grau de dificuldade da atividade de tradução seja adequado para o nível de proficiência dos/as estudantes (Nord, [1991] 2005, p. 188). Atividades que são muito complexas provocam um excesso de incerteza nos/as estudantes.

Na prática da tradução, a incerteza é geralmente causada pela imprecisão ou defeitos do texto-fonte ou por competência tradutória insuficiente. Esse tipo de incerteza pode ser reduzida por meio da abordagem funcional *top-down* sugerida neste estudo.

3. Uma abordagem *top-down* para lidar com a incerteza

A partir daqui examinaremos cada estágio do processo, descrevendo as razões para a incerteza e as possibilidades para lidar com dúvidas.

3.1. A incerteza e o encargo

Como explicado anteriormente, o encargo da tradução (explícita ou implicitamente) informa a situação para a qual o texto-alvo é necessário: público esperado, meio, tempo e lugar de recepção, e a(s) função(es) comunicativa(s) pretendida(s). A interpretação do encargo permite ao/à tradutor/a decidir como o texto-alvo deve ser e o tipo de macroestratégia necessária para produzir um texto em conformidade com o perfil do texto-alvo. Nesse caso, uma tipologia de tradução funcional pode ajudar a resolver a incerteza.

Ao longo da história da tradução os/as tradutores/as perceberam que a primeira escolha a se fazer é entre dois tipos de tradução. Assim, Cícero, São Jerônimo, Lutero, Schleiermacher, Nida e outros/as fizeram uma distinção básica entre traduções voltadas para o texto-fonte e traduções voltadas para o texto-alvo (Nord, [1997] 2018, p. 4-5), e, de acordo com as situações de suas atividades tradutórias, eles consideraram a tradução voltada para o texto-fonte como a “tradução propriamente dita”. De uma perspectiva funcional, ambas as opções podem ser legítimas dependendo do propósito ou do *skopos* do texto-alvo.

Na minha tipologia (Nord, [1997] 2018, p. 45-50), os dois tipos básicos de tradução são documental e instrumental. Uma tradução documental é voltada para a fonte. Ela “documenta” a interação comunicativa ou qualquer um de seus aspectos em que um emissor de uma cultura-fonte se comunica com um receptor dessa cultura-fonte sob as condições da cultura-fonte. Dependendo do enfoque da documentação, é possível distinguir várias formas de tradução documental. Uma *tradução interlinear* ou palavra por palavra (Nord, 2016) centra-se no

sistema da língua-fonte, que é reproduzido para propósitos linguísticos; uma *tradução literal* reproduz a forma do texto-fonte ao nível da palavra; uma *tradução filológica* reproduz a forma e conteúdo do texto-fonte, acrescentando informações em paratextos quando necessário; e uma *tradução exotizante* tenta reproduzir forma, conteúdo e situação do texto-fonte, enfatizando a alteridade cultural.

Por outro lado, uma tradução instrumental serve como um instrumento de comunicação na cultura-alvo. Ela usa o “material” fornecido pelo texto-fonte, mas toma a forma de um texto novo na cultura-alvo. Nesse caso, uma *tradução equifuncional* teria como intenção alcançar as mesmas funções comunicativas para o público da cultura-alvo que o texto-fonte alcança ou alcançou para um público da cultura-fonte. Uma *tradução heterofuncional* pode mudar a hierarquia das funções para as quais o texto-fonte foi destinado (porque uma das funções, como a de uma sátira, por exemplo, pode não ser alcançada no público do texto traduzido). Já uma *tradução homóloga* busca produzir um texto cujo status (normalmente literário) é similar ao do texto-fonte.

6

Esta especificação do tipo e forma da tradução pode reduzir a incerteza ao nível do encargo tradutório. Para isso, tradutores/as em formação devem estar familiarizados/as com encargos tradutórios desde o início da sua formação. Profissionais, por sua vez, devem buscar obter o máximo de informações possíveis sobre a situação do texto-alvo, por exemplo, entrando em contato com o/a solicitante, negociando condições, etc. Também precisam ter segurança sobre o tipo e a forma apropriada de tradução antes de iniciar um projeto. Talvez até informar qual foi a estratégia utilizada em um prefácio.

No caso do nosso *corpus*, os tradutores e a tradutora interpretaram o texto-fonte de maneira similar, mas chegaram a diferentes conclusões, como veremos nos exemplos discutidos a seguir. O que é escrito nos respectivos prefácios pode ser considerado como um “encargo autoimposto”⁸.

The intensely personal, first-hand nature of the arguing puts it closer to eager, even impatient speech than to systematic exposition. But then that mode itself, for her, is bound up with the ideology whose falsity she wants to show. The translator must try, then, to follow her in her changes of tempo and tone, her preference for questions over statements, her yokings of private and public, her inventions and her repetitions. It seems overwhelmingly worthwhile. (Prefácio do tradutor George Craig, Olivier 1989: viii)

[A natureza intensamente pessoal da discussão aproxima-a mais de um discurso ardente e até mesmo impaciente do que de uma exposição sistemática. Mas esse modo em si, para ela [Olivier], está ligado à ideologia cuja falsidade ela quer mostrar. Parece valer a pena tentar, então, segui-la em suas mudanças de ritmo e tom, sua preferência por questionamentos no lugar de afirmações, suas conexões entre público e privado, suas invenções e repetições.]

Christiane Oliviers Material kommt aus der Sprache, in der sich das Denken und Fühlen des Individuums wie der Gesamtgesellschaft ausdrückt. Ein Gedankenaustausch mit der Autorin bestätigt diese Sicht. Das vorliegende Buch ist daher reich an Metaphern und Wortspielen, die möglichst wortgetreu ins Deutsche übertragen wurden. Wenn dies erforderlich schien, wurde versucht, den Sinn durch Anmerkungen zu verdeutlichen. (Prefácio do tradutor Siegfried Reinke, Olivier, 1989, p. 179)

[O material de Christiane Olivier é a língua, a qual expressa os pensamentos e sentimentos tanto do indivíduo quanto de toda uma sociedade. Uma conversa com a autora confirma essa visão. Assim, o presente livro é repleto de metáforas e trocadilhos que foram traduzidos o mais próximo do literal possível. Sempre que necessário, buscamos explicar o significado nas notas.]

7

A partir desses breves prefácios, já fica claro que o tradutor do inglês buscou fazer uma tradução instrumental, enquanto o tradutor do alemão optou por uma tradução documental. A tradução para o português, apesar de não contar com um prefácio de tradução, trata-se de uma tradução predominantemente instrumental por conta das adaptações que foram verificadas no texto.

3.2 Incerteza e pragmática

Como regra geral, a tradução documental reproduz a pragmática da situação do texto-fonte. Assim, é esperado que os/as leitores/as do texto-alvo se coloquem no lugar dos/das leitores/as do texto-fonte, chegando às suas próprias conclusões em relação ao que o texto pode significar para eles/as. Desse modo, é tarefa do público-alvo “transferir” qualquer referência dêitica para a cultura ou língua-fonte. Paratextos (prefácio, notas, glossários, etc.) às vezes são

usados para preencher as lacunas pragmáticas entre situações do texto-fonte e do texto-alvo no caso de uma grande distância temporal, espacial ou cultural, como, por exemplo, em traduções filológicas. Traduções exotizantes podem preencher a lacuna pragmática através da escolha de uma língua e de um estilo acessível para o público da cultura-alvo.

Já as traduções instrumentais se ajustam à nova pragmática da situação-alvo. Nesse caso, o/a tradutor/a alcança a transferência facilitando a relação do público-alvo com o conteúdo do texto.

(1) *Dans quelle nouvelle littérature, dans quelles étranges bandes dessinées (si ce n'est celles de C. Brétecher) voyons-nous le père «paternant» son enfant?* (Olivier, 1980, p. 55)

(a) *Where are the new novels, where are the way-out cartoons (apart maybe from those of Claire Brétecher) that show us a father 'mothering' his child?* (Olivier, 1989, p. 34; traduzido por George Craig)

(b) Não é nada comum ver o pai “paternalizando” o filho (a não ser nas histórias em quadrinhos de C. Bretecher) [...]. (Olivier, 1986, p. 49; traduzido por Neide Luzia de Resende)

(c) *Wo in der neuen Literatur, in welchen noch so ausgefallenen Comics (außer in denen von Claire Brétecher) sehen wir den Vater beim „Bevatern“ seines Kindes?* (Olivier, 1989, p. 49; traduzido por Siegfried Reinke)

O exemplo 1 mostra que os tradutores e a tradutora consideram que seu público é familiarizado com a cartunista feminista Claire Bretécher⁹ e o seu trabalho, ao menos se seu primeiro nome estiver escrito por extenso. Ademais, há uma diferença de tempo considerável entre o texto original e as traduções para o inglês e o alemão, logo uma explicitação como “a feminista francesa” poderia ser apropriada na tradução instrumental-equifuncional para o inglês de Craig. De maneira semelhante, na tradução instrumental de Resende, ainda que a diferença temporal entre original e tradução seja menor, o fato da obra de Bretécher não ter circulado em língua portuguesa também deve afetar a experiência de leitura do público-alvo brasileiro. Por outro lado, na tradução documental-filológica para o alemão de Reinke, o nome de Bretécher é a única referência à cultura-alvo que *não* foi explicada em uma nota de rodapé.

Além disso, apesar de equivalente no nível morfológico, a tradução de *paternant* por meio da criação de uma palavra alemã *Bevatern* (análoga a *bemuttern*, algo como *mimar de*

forma maternal) não funciona nesse contexto. O verbo alemão *bemuttern* tem uma leve conotação irônica e é utilizado para uma mãe que trata um filho adulto como uma criança.

Olivier refere-se a um quadrinho de *Les Frustrés* 4¹⁰, no qual o pai troca as fraldas do bebê e dá mamadeira (Figura 1). Portanto, uma paráfrase mencionando esse conteúdo em específico seria mais adequado para os/as leitores/as não familiarizados/as com os quadrinhos de Bretécher, o que é muito provável, já que *Les Frustrés* 4 foi publicado na Alemanha em 1989 (mesmo ano da tradução de Olivier) e as traduções dos quadrinhos de Bretécher estavam indisponíveis em inglês até 1992. Já no Brasil, a única obra traduzida da autora foi em 2004.

Figura 1 - Le père «paternant» son enfant (Bretécher 1979/1989, sem página)



9

(2) *Le père, dans nos pays latins, n'est pas destiné à s'occuper du «petit», que ce soit le sien ou celui des autres.* (Olivier, 1980, p. 55)

(a) *In 'Latin' countries like France, the father has not been brought up to look after the baby – his own or anybody else's.* (Olivier, 1989, p. 54; traduzido por George Craig)

(b) *Nos países latinos, não cabe ao pai se ocupar do filho, quer seja seu ou o dos outros.* (Olivier, 1986, p.49; traduzido por Neide Luzia de Resende)

(c) *Der Vater ist in unseren romanischen Ländern* nicht dazu bestimmt, sich um das „Kleine“ zu kümmern, sei es das eigene oder das der anderen.*

Nota de tradução:

**Das dürfte auch auf andere Länder zutreffen (Anm. d. Ü.)* (Olivier, 1989, p. 49; traduzido por Siegfried Reinke)

Conforme os tipos e formas de tradução selecionados anteriormente, nota-se que o tradutor para o inglês explica a referência à França, *like France* [como a França], o que destaca a atitude crítica de Olivier em relação ao seu próprio país. Na tradução para o português, a tradutora não sente a necessidade de acrescentar a França possivelmente pelo Brasil estar dentro do âmbito dos “países latinos” e o/a leitor/a pode se identificar com o discurso. No

entanto, o tradutor alemão traduz literalmente e produz um texto incoerente para os/as leitores/as da Alemanha, que podem ficar intrigados/as com a referência a *unseren romanischen Ländern* [nossos países românicos]. Além disso, a nota do tradutor é simplesmente redundante, *Das dürfte auch auf andere Länder zutreffen* [Isso também pode se aplicar a outros países], pois qualquer leitor/a de outro país, de situação similar, relacionará o argumento da autora com a sua própria situação. Portanto, a tendência de subestimar os/as leitores/as não está alinhada com a tradução documental.

3.3. Incerteza e cultura

No nível pragmático, a escolha é polarizada. Dessa forma, as traduções documentais reproduzem as pragmáticas do texto-fonte, enquanto as traduções instrumentais adaptam-se à nova situação alvo. Em contrapartida, a escolha não é tão polarizada no nível cultural, o qual entendemos como o estabelecimento total de normas e convenções de comportamento. Sendo assim, as traduções documentais podem reproduzir algumas normas e convenções da cultura-fonte e adaptar outras, e o mesmo se aplica às traduções instrumentais. Há ainda normas e convenções para tradução, ou melhor, para solucionar certos problemas de tradução. Em algumas culturas, por exemplo, nomes próprios costumam ser reproduzidos assim como aparecem no texto-fonte; em outras, são adaptados sempre que possível à morfologia, fonologia ou grafia da língua-alvo. Mesmo que a forma não seja alterada, a pronúncia pode ser diferente, como por exemplo em algumas traduções de *Alice no País das Maravilhas*. Nas traduções francesa e alemã, *Alice* (com tonicidade na primeira sílaba) é *Alice* (com tonicidade na última sílaba). Na tradução italiana, *Alice* é pronunciada como *Alitche*. Na tradução espanhola, ela se chama *Alicia*; enquanto na tradução filandesa, *Liisa*. Já na tradução brasileira, a tonicidade é na penúltima sílaba (paroxítona).

O exemplo 3 ilustra um dos poucos casos em que a tradução inglesa não segue a estratégia habitual de adaptar o comportamento às convenções da cultura-alvo (*os textos paralelos em inglês encontrados na Internet referem-se ao [notável, conservador] historiador francês Pierre Chaunu*). Porém, o uso do título *Mr.* não é incomum em inglês, pelo menos. Em alemão, todavia, nunca se utiliza o título genérico *Herr* (menos ainda *Monsieur*) para fazer referência a pessoas, uma vez que isso produz um tom nitidamente depreciativo ou irônico, especialmente quando usado com o artigo indefinido. Os textos paralelos em alemão referem-se a *der [bekannte] französische Historiker Pierre Chaunu* [o –conhecido– historiador francês Pierre Chaunu].

(3) *Que demande M. P. Chaunu, professeur d'histoire moderne, dans les colonnes d'un article publié dans Marie-France en janvier 1978, sous la rubrique: «Sommes-nous trop ou pas assez nombreux?»* (Olivier, 1980, p. 187)

(a) *Let us look at the demands put forward by Mr P. Chaunu, a professor of modern history, in an article published in Marie-France in January 1978, under the heading: 'Are there too many of us or too few?'* (Olivier, 1989, p. 143; traduzido por George Craig)

(b) P. Chaunu, professor de história moderna, num artigo publicado em janeiro de 1978 na revista Marie-France sob o título “Somos muito ou pouco numerosos?” começa impressionando-se com a baixa de natalidade e solicita um esforço geral de toda a sociedade.

(Olivier, p. 162; traduzido por Neide Luzia de Resende)

(c) *Was fordert ein Monsieur P. Chaunu, Professor für moderne Geschichte, unter der Überschrift: „Sind wir zu viele, oder sind wir nicht zahlreich genug?“ in den Spalten eines in Marie-France* zu jener Zeit veröffentlichten Artikels?*

Nota de tradução:

**Französische Frauenzeitschrift (Anm. d. Ü.)* (Olivier, 1989, p. 170; traduzido por Siegfried Reinke)

11

Mesmo em uma tradução documental, a forma de fazer referência a uma pessoa seria normalmente adaptada às convenções da cultura-alvo, a menos que essa seja precisamente a convenção que deve ser “documentada” na tradução. A nota da tradução para o alemão, ao explicar que *Marie-France* é uma revista francesa para mulheres, novamente subestima as capacidades de recepção textual e o conhecimento de mundo dos/as leitores/as, devendo assim ser tratada no nível pragmático. Mesmo para leitores/as que não estão familiarizados com tal revista, o contexto é suficientemente claro (no caso da tradução brasileira, *num artigo publicado [...]*, junto com o nome *Marie-France*, já indica que se trata de uma revista francesa para mulheres).

Retomando as convenções específicas da cultura, também podemos destacar que, em francês, ler algo *dans les colonnes* de um artigo é uma convenção estilística, ainda que o artigo não tenha sido formatado em colunas. Enquanto em alemão, é absolutamente incomum mencionar as colunas, ou *die Spalten*, de um artigo. Nesse sentido, a escolha da tradução documental não significa que quaisquer normas e convenções estilísticas da cultura-fonte precisam ser reproduzidas no texto-alvo.

3.4. Incerteza e o texto

De acordo com a teoria do *skopos*, um texto é uma oferta de informações da qual receptores/as “escolhem” os itens que podem (ou querem) processar, como indicam Reiß e Vermeer, ([1984] 2013, p. 61). O/A tradutor/a é um/a receptor/a da oferta de informações da cultura-fonte. Ao traduzir da língua estrangeira para sua própria língua e cultura, o/a tradutor/a nem sequer pertence ao público-alvo do/a autor/a do texto-fonte. Portanto, pode haver uma grande quantidade de incertezas referentes à interpretação do texto-fonte.

A única forma dos/as tradutores/as saberem o que “escolher” para o público da cultura-alvo é colocar-se em seu lugar e providenciar os elementos da oferta de informações do texto-fonte que são apropriados para atingir as funções exigidas pelo projeto. Todavia, não é possível ter certeza de que o público-alvo vai de fato utilizar o texto-alvo para as funções pretendidas.

(4) *Après tout, Freud n'a-t-il pas découvert les règles sous-jacentes à une foule de jeux dont nous usions jusque-là en toute innocence? Celui de la bobine n'est-il pas un des plus connus (l'enfant symbolise l'absence de la mère au moyen d'un objet qu'il envoie au loin, pour le récupérer l'instant d'après) ...?* (Olivier 1980, p. 47-48)

(a) *After all, did Freud not discover the rules underlying many of the games we had up till then played in all innocence? Among the best-known games do we not find the one with the cotton reel (in which the child invents a symbolic representation of its mother's absence by an object which it throws away, then immediately brings back)?* (Olivier 1989, p. 29-30; traduzido por George Craig)

(b) Além do mais, não foi Freud quem descobriu as regras subjacentes a uma variedade de jogos que até então utilizávamos com a maior inocência? Por exemplo, o jogo do carretel, um dos mais conhecidos, no qual a criança simboliza a ausência da mãe, através de um objeto lançado longe e recuperado em seguida. (Olivier, 1986, p. 42; traduzido por Neide Luzia de Resende)

(c) *Hat nicht schließlich Freud selbst die unterschwelligten Regeln einer Vielzahl von Spielen aufgedeckt, die wir bis dahin in aller Unschuld gespielt haben? Ist nicht eines der bekanntesten das Diabolo-Spiel* (das Kind symbolisiert die Abwesenheit der Mutter durch ein Objekt, das es von sich entfernt, um es im nächsten Moment zurückzuholen)?*

Nota do tradutor:

**Anm. d. Ü.: (ital. von diavolo = Teufel) Kinderspielzeug, Doppelkreisel, der auf einer an zwei Stäben befestigten Schnur rotiert, in die Höhe geworfen, wieder auf der Schnur aufgefangen wird. (Olivier 1989, p. 44; traduzido por Siegfried Reinke)*

O exemplo 4 é particularmente interessante no que se refere à interpretação do texto. Parece incoerente que o *jogo do carretel* seja dito como *um dos mais conhecidos* se ninguém nunca ouviu falar dele nem muito menos o jogou. Esse foi o provável motivo pelo qual o tradutor alemão procurou por um jogo conhecido no contexto germanófono (embora essa estratégia não seja compatível com a tradução documental que ele escolheu). O problema com *Diabolo* é que a explicação oferecida por Olivier não corresponde ao jogo (sem mencionar o fato de que a etimologia descrita na nota é incorreta: *diabolo* é derivado da palavra grega *diaballein*, que significa *botar fora*, e não da palavra italiana *diavolo*, que significa diabo). Um *diabolo* é um dispositivo de malabarismo que consiste em um eixo e dois copos ou discos, que são girados por meio de um barbante preso a duas baquetas. Se quisermos substituir o carretel por um brinquedo mais comum, um *io-io* provavelmente seria uma opção mais adequada à interpretação de Olivier.

13

Contudo, nesse caso é necessário possuir um conhecimento específico para interpretar o texto corretamente. Olivier não está se referindo a um dos jogos mais conhecidos pelo público em geral, mas sim a um dos mais conhecidos exemplos de jogo infantil utilizados por Freud. Em seu ensaio *Além do Princípio do Prazer* ([1922] 2016), Freud na verdade se refere a um carretel de algodão usando a palavra alemã *Garnrolle*. O problema que devemos resolver aqui, pelo menos no caso da tradução alemã, é a referência à cultura-alvo, que deveria usar uma retrotradução para o termo freudiano original. Nesse caso, a incerteza que acarretou no erro de tradução foi causada por uma falta de conhecimento específico. Certamente, na década de 1980, teria sido necessária muita pesquisa nas coleções de obras de Freud para encontrar o ensaio específico em que ele descreve como seu neto de 18 meses brincava com um carretel de madeira. Hoje, com a ajuda da internet, apenas alguns cliques levariam ao texto alemão original e às traduções em inglês e português, que se referem respectivamente a algo como “*a wooden reel with a piece of string wound round it*” e “um carretel de madeira com um fio enrolado nele”.

Só que essa criança bem-comportada tinha o hábito, às vezes incômodo, de jogar para bem longe de si – num canto, debaixo de uma cama etc. – todos os pequenos objetos

que pegava, de modo que encontrar seus brinquedos muitas vezes não era um trabalho fácil. Ao fazê-lo, emitia, com expressão de interesse e satisfação, um alto e longo ó-ó-ó-ó, que, segundo o juízo unânime da mãe e deste observador, não era uma interjeição, mas significava “*fort*” [foi embora]. Finalmente percebi que aquilo era uma brincadeira e que a criança usava todos os seus brinquedos apenas para brincar de “foi embora” com eles. Um dia, então, fiz a observação que confirmou minha concepção. A criança tinha um carretel de madeira com um fio enrolado nele. Jamais lhe ocorria, por exemplo, arrastá-lo atrás de si pelo chão, ou seja, brincar de carrinho com ele, mas jogava o carretel com grande habilidade, segurando-o pelo fio, sobre a borda de sua caminha com dossel, de maneira que ele desaparecia dentro dela; enquanto isso, pronunciava o seu significativo ó-ó-ó-ó e então puxava o carretel pelo fio para fora da cama, agora saudando seu aparecimento com um alegre “*da*” [aí está]. Essa era, portanto, a brincadeira completa, desaparecimento e retorno, da qual na maioria das vezes víamos apenas o primeiro ato, e este foi repetido incansavelmente como brincadeira isolada, embora o prazer maior sem dúvida estivesse ligado ao segundo ato. (Freud, [1922] 2016, p. 34, tradução de Renato Zwick)

O exemplo também prova a importância de um procedimento *top-down*. Pela situação geral (autor/a, tempo, intenções, etc.), percebe-se que a psicologia de Christiane Olivier é anti-freudiana. Ela conhece intimamente as obras de Freud e com frequência cita, direta ou indiretamente, os seus escritos. Esse conhecimento guia nossa interpretação da passagem citada no Exemplo 4, que, caso contrário, seria bastante incoerente, produzindo um alto grau de incerteza. O tradutor alemão costuma citar os títulos em, também em alemão, dos textos de Freud, então deve estar familiarizado com tais obras. Entretanto, uma vez que a obra *Jenseits des Lustprinzips* (*Além do princípio do prazer*, em português) não foi explicitamente citada, ele deve ter deixado passar justamente essa referência.

3.5 A incerteza e o sintagma

Normalmente, tradutores/as profissionais (funcionalistas) traduzem os sintagmas dentro de um contexto e não de forma isolada, pois o contexto diminui a incerteza da interpretação dos sintagmas, como observado no Exemplo 4. Referências metalinguísticas a sintagmas podem requerer, no entanto, uma análise minuciosa. Se a língua-alvo não fornecer um sintagma similar ou equivalente, uma mudança pode ser necessária e tal necessidade pode gerar a incerteza.

(5) *La femme «tombe» enceinte, vous connaissez l'expression. Comme si brutalement elle avait un accident, quelque chose qu'elle n'aurait pas prévu et qui la ferait trébucher.* (Olivier, 1980, p. 60)

(a) *The women 'gets' pregnant, in the phrase everyone knows. As if with brutal suddenness she had contracted something by accident, something that would lay her low.* (Olivier 1989, p. 39; traduzido por George Craig)

(b) Nota de tradução:

*Em francês existe a expressão **tombe enceinte**. Nesse caso, a autora lembra que seria como se a mulher brutalmente sofresse um acidente, algo imprevisto que a fizesse cair. (Olivier, 1986, p. 53, traduzido por Neide Luzia de Resende, grifos da tradutora)

(c) *Die Frau „gerät in Umstände“*. Sie kennen den Ausdruck. Als ob sie ganz plötzlich einen Unfall hätte, etwas das sie nicht hätte voraussehen können, etwas das sie „stolpern ließ“.*

Nota de tradução:

*Im frz. Original „La femme ‚tombe‘ enceinte...“; dadurch schließt sich der folgende Gedanke eines Unfalls („accident“) im Original logischer an. (Olivier 1989, p. 54; traduzido por Siegfried Reinke)

15

Valendo-se de um tom irônico, Olivier comenta o sintagma francês *tomber enceinte*, literalmente “cair na gravidez”, para ilustrar a ideologia escondida no semblante inocente desse sintagma. Considerando que as línguas inglesa, alemã e portuguesa não possuem qualquer sintagma similar para descrever a gravidez, surge uma dúvida de tradução. Seguindo seu estilo e forma de traduzir, Craig utiliza a expressão em inglês *to get pregnant*. No entanto, essa expressão não funciona como um “sintagma” *stricto sensu* e não evoca, ao menos a mim, a imagem de “*would lay her low*” (tombar, derrubar). Por sua vez, a tradutora da versão brasileira parece ter percebido o problema da expressão francesa e omitiu a frase no corpo do texto, adicionando uma nota explicativa sobre o sintagma em francês, e, a partir disso, parafraseando o discurso de Olivier. A estratégia deslocou e descontextualizou o discurso justamente por não encontrar o mesmo sintagma na língua portuguesa.

Já Reinke deveria ter utilizado uma tradução literal com um adicional de “como falamos em francês” para manter-se de acordo com a estratégia documental, a qual utiliza mais frequentemente. Porém, ele cria um novo sintagma em alemão, *in Umstände geraten*, (literalmente *entrar em circunstâncias*), fazendo analogia ao eufemismo *in anderen*

Umständen sein, [estar em outras circunstâncias]. Tal decisão apresenta uma tradução que não é documental do tipo literal nem uma adaptação que resultaria em uma tradução instrumental. Dizer em alemão *Sie kennen den Ausdruck* [vocês conhecem a expressão] é incoerente para quem lê, pois não é possível conhecer uma expressão que não existe. Em nota, Reinke faz menção ao sintagma em francês, sem traduzi-lo. Claramente, ele esqueceu uma única certeza: seu público-alvo não sabe francês.

Uma tradução instrumental consistente levaria o tradutor alemão a procurar uma mudança, pois a língua alemã não possui um sintagma de conotação similar para expressar a ideia de gravidez. Nessa situação, um tesouro é uma ferramenta útil para redução de incertezas. No campo semântico de gravidez ou nascimento, por exemplo, existe o termo em alemão *niederkommen*, literalmente *vir abaixo*, um termo obsoleto para *dar à luz*. Claro que utilizar este verbo (pois também não é um sintagma) requeria mais algumas mudanças no texto, como exemplificado abaixo:

Die Frau „kommt nieder“, sagt man. Ist Ihnen schon einmal aufgefallen, dass das so klingt, als hätte sie plötzlich einen Unfall, bei dem etwas Unerwartetes auf sie herabfällt, das sie zu Boden wirft?

[A mulher “vem abaixo”, assim se diz. Percebeu que isso parece como se ela tivesse sofrido um acidente, em que algo inesperado cai sob ela que a derruba?]

3.6 A Incerteza e a palavra

No nível da palavra, as incertezas surgem da polissemia, cognatos (ou falsos cognatos), da falta de equivalência na língua-alvo, etc. Normalmente, esse tipo de incerteza será reduzido ou até mesmo resolvido por informação de contexto (linguística, cultural ou pragmática) a menos que o/a tradutor/a considere a concordância no nível da palavra, assim como acontece em algumas traduções da Bíblia. O tradutor alemão parece usar essa estratégia, por exemplo, com a palavra *discours*, que é utilizada em diferentes contextos e com diferentes significados pela autora. As primeiras linhas da introdução de Olivier ilustram a sua posição entre os extremos.

(6) Il y a le discours analytique : recherché, compliqué, étudié pour vous écarter, vous semer, vous éberluer vous qui n’êtes pas analystes... Il y a le discours féministe : discours coloré, imagé, sexué, fait pour que vous entriez, compreniez, même si vous

n'êtes pas féministe, d'autant que vous n'êtes pas féministe... Et il y a ceux qui ne se reconnaissent ni dans l'un ni dans l'autre parce que, de toute façon, ils refusent d'être extrémistes. Me tenir entre ces deux discours, ne pas m'isoler en adoptant le premier, ne pas vous submerger en parlant le second. Parler le langage du milieu, celui que ne met de côté ni l'affect ni l'intellect. Entre femme et analyste, c'est-à-dire porter les deux extrêmes, garder ensemble l'émoi et le verbe, refuser d'être ou plus femme ou plus analyste, refuser de me diviser ou de me spécialiser. (Olivier 1980, p. 5, Avant-propos)

(a) *Psychoanalysis has its language: sophisticated, complicated, designed to drive away any of you who are not analysts, to throw you off the track, blind you with science. Feminism has its language: high in colour and imagery, sexualized, made to allow you in, to let you understand, even if you're not a feminist, most of all if you're not a feminist. Then there are those who don't feel at home in either because in any event they refuse to be extremists. Must stay somewhere between these two languages; not cut myself off from you by taking up the first, not swamp you by talking the second. Must talk instead the language of the centre, which leaves out neither emotion nor intellect. Must be woman and analyst, that is, keep up the two extremes, keep together the orderedness and the disorder of feeling, refuse to be either more woman or more analyst, refuse to split or specialize. (Olivier 1989, p. ix, Introduction; traduzido por George Craig)*

17

(b) Há o discurso analítico: rebuscado, complicado, concebido para distanciar, deixar perdido, desorientado, quem não for analista... Há o discurso feminista: colorido, rico em imagens, sexuado, construído para que vocês possam penetrá-lo, compreendê-lo, mesmo que não sejam feministas, e sobretudo se não o forem... E há pessoas que não se reconhecem em nenhum dos dois, já que se recusam a ser extremistas. Manter-me entre esses dois discursos – não me isolar adotando o primeiro, nem sobrecarregá-los falando o segundo –, situar-me no meio, com uma linguagem que não deixe de lado o afeto nem o intelecto. Ser mulher e analista, ou seja, incluir os dois extremos, unir a emoção e o verbo, recusar ser mais mulher ou mais analista, recusar dividir-me ou especializar-me. (Olivier, 1986, p. 3, Introdução, traduzido por Neide Luzia de Resende)

(c) *Es gibt den analytischen Diskurs: spitzfindig, gekünstelt, kompliziert, um Sie, den Nicht-Analytiker, zu verblüffen und auf Distanz zu halten... Es gibt den feministischen*

Diskurs: farbig, bildhaft, sexualisiert, dazu da, um Sie einzubeziehen und verstehen zu lassen, selbst wenn Sie kein(e) Feminist(in) sind – oder gerade weil Sie es nicht sind... Und es gibt jene, die sich weder in dem einen noch in dem anderen wiedererkennen, weil sie auf jeden Fall extreme Positionen ablehnen. Für mich ist die Mitte entscheidend. Ich will mich nicht isolieren, wenn ich mich in den ersten Diskurs begeben, und Sie nicht überschwemmen, wenn ich den zweiten verwende. Ich möchte versuchen, die Sprache der Mitte zu sprechen, die sowohl das Gefühl als auch den Intellekt berücksichtigt: Frau und Analytikerin zu sein heißt, beide Extreme in sich zu tragen, sich nicht teilen zu lassen. (Olivier 1989, p. 9, Vorwort; traduzido por Siegfried Reinke)

Uma breve análise em seu contexto mais amplo revela que Olivier utiliza *discours* e *langage* como sinônimos e que não está falando enquanto linguista. Em alemão, *Diskurs* é usado principalmente como um termo linguístico, semelhante a *discourse* em inglês. Assim, a tradução alemã contradiz a própria atitude da autora. Isso demonstra, mais uma vez, que ser “fiel à palavra” muitas vezes implica “infidelidade ao sentido”. Isso também é apresentado pelos dois exemplos a seguir. O exemplo 7 é o título de um breve capítulo que sucede a introdução da autora e apresenta uma sequência solta de citações de Sigmund Freud, Hélène Cixous, Jacques Lacan, etc. que discutem sobre o ser mulher.

(7) *Discours imaginaire* (Olivier, 1980, p. 7)

(a) *Voices off* (Olivier, 1989, p. x; traduzido por George Craig)

(b) Discurso imaginário (Olivier, 1986, p. 5; traduzido por Neide Luzia de Resende)

(c) *Imaginärer Diskurs* (Olivier, 1989, p. 9; traduzido por Siegfried Reinke)

(8) [...] *le premier discours, car avant le transférentiel il y eut le Transmaternel.* (Olivier, 1980, p. 6)

(a) [...] *the earliest language of all. For, long before the transferential, there was the transmaternal.* (Olivier, 1989, p. viii; traduzido por George Craig)

(b) [...] é preciso remontar ao primeiro discurso, pois antes do transferencial houve o Transmaternal. (Olivier, 1986, p. 4; tradução de Neide Luzia de Resende)

(c) [...] *ist es notwendig, bis zum allerersten Diskurs zurückzugehen, denn vor der Übertragung gab es das ›Transmütterliche‹*, das, was von der Mutter zu uns kommt.*

Nota de tradução:

**Wortschöpfung der Autorin: im Original „Transmaternel“, in Anlehnung an „transférentiel“, die später einsetzende Übertragung (Anm.d.Ü.). (Olivier 1989, p. 8; traduzido por Siegfried Reinke)*

No Exemplo 7, *discours* se refere a um debate virtual entre os autores/as citados/as, enquanto no Exemplo 8 a mesma palavra descreve o primeiro vínculo ou troca entre a mãe e a criança que ainda não nasceu. Em alemão, *Diskurs* não faz sentido em nenhum dos casos. Em português, como a palavra *discurso*¹¹ abrange possibilidades além da linguística, como a comunicações orais e exposições de ideias, por exemplo, não parece haver um problema na escolha da tradutora.

No nível da palavra, até mesmo a morfologia pode gerar incerteza. Em francês, inglês e português, criar um neologismo de raiz latina e com prefixo do latim funciona bem. Já em alemão, um prefixo latino (*trans-*) não pode ser combinado com uma raiz germânica (*mütterlich*). Dependendo do público-alvo, um latinismo como *transmaternell* pode ser apropriado. Isso deve ser decidido no nível da pragmática.

19

4. Conclusões

A incerteza é intrínseca a qualquer processo de tradução. Sendo assim, uma abordagem funcionalista não promete (e tampouco pode prometer) um processo livre de dúvidas. No entanto, tentamos mostrar aqui que um procedimento que começa no estágio do encargo da tradução e depois segue, gradativamente, até os níveis da pragmática, da cultura, da língua, do texto, até mesmo da palavra, pode afunilar as possibilidades de escolha, minimizando, assim, a incerteza.

O encargo da tradução define as condições para a escolha do tipo e forma de tradução. De acordo com o tipo de tradução, a pragmática do texto-fonte será mantida (e documentada) no texto-alvo ou substituída pela pragmática da “nova” situação. Nesse caso, o texto-alvo deverá “funcionar” como um instrumento independente para a comunicação entre os/as interlocutores/as da cultura-alvo.

No nível da cultura, considerando normas e convenções comportamentais, as condições não são tão lineares quanto no nível da pragmática. Pode haver normas e convenções da cultura-fonte que também funcionem na cultura-alvo, enquanto outras causariam mal-entendidos ou, no mínimo, constrangimento, tornando a compreensão difícil ou impossível. No nível da língua, é possível presumir que a maioria das traduções deve estar em

conformidade com as normas da língua-alvo, mas isso não é uma regra rígida. Nesse caso, compete ao/a tradutor/a analisar se certas passagens, como comentários metalinguísticos ou metacomunicativos, exigem uma escolha mais orientada para a língua-fonte.

Depois de afunilar para os níveis do sintagma e da palavra, ou até mesmo para o da morfologia, é possível que ainda assim surjam incertezas. Se duas ou mais unidades lexicais forem apropriadas para atender às demandas dos estágios mais amplos, as restrições do contexto e, por fim, as preferências estilísticas ou idiomáticas pessoais do/a tradutor/a podem ser usadas para resolver as dúvidas restantes.

Na prática da tradução profissional, esse tipo de procedimento *top-down* pode parecer ineficiente e demorado para cumprir com prazos curtos. No entanto, se for praticada desde o início de sua formação, os/as tradutores/as poderão internalizar essa estratégia de gerenciamento de dúvidas, obtendo assim um grau de certeza considerável.

REFERÊNCIAS

- Freud, S. ([1922] 2010). *Beyond the Pleasure Principle*. Tradução de C. J. M. Hubback <http://www.bartleby.com/272/>.
- Freud, S. ([1922] 2016). *Além do Princípio do Prazer*. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&MP.
- Levý, J. (1967). Translation as a Decision Process. In: *To Honor Roman Jakobson: Essays on the Occasion of his Seventieth Birthday, 11 October 1966*. Vol. I-III. Janua Linguarum Series Maior, 31, 32, 33. The Hague/Paris: Mouton.
- Nord, C. ([1991] 2005). *Text Analysis in Translation. A Model for Translation-Oriented Text Analysis*. Tradução de Christiane Nord e Penelope Sparrow, 2a edição. Amsterdam: Rodopi.
- Nord, C. ([1991] 2016). *Análise Textual em Tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática*. Tradução de Meta Zipser, Juliana de Abreu, Hutan do Céu de Almeida, Michele Aio, Silvana Polchlopek e Christiane Nord. São Paulo: Rafael Copetti.
- Nord, C. ([1997] 2018). *Translating as a Purposeful Activity. Functionalist Approaches Explained*. 2a edição. London/New York: Routledge.
- Reiss, K., & Vermeer, H. J. ([1984] 2013). *Towards a General Theory of Translational Action. Skopos Theory Explained*. Tradução de Christiane Nord e revisada por Marina Dudenhöfer. London/New York: Routledge.

¹ O artigo em inglês foi publicado pelo *Meta Journal des traducteurs/Translator's Journal*. A tradução do artigo *Skopos and (Un)certainity: How Functional Translators Deal with Doubt* e sua publicação foram autorizadas por Sandra Soucy, diretora de produção e administração da *Presses de l'Université de Montréal*, em dezembro de 2021.

Nord, Christiane. (2016). Skopos and (Un)certainity: How Functional Translators Deal with Doubt. *Meta*, 61(1), 29–41. <https://doi.org/10.7202/1036981ar>

A tradução faz parte do projeto de pesquisa “Metatradução como Método Pedagógico para a Formação de Tradutores/as”, realizada de forma colaborativa pelo grupo de pesquisa Textos Fundamentais em Tradução (Key Texts in Translation – KiT) da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

² *The highest rule of a theory of translational action is the “skopos rule”: any action is determined by its purpose, i.e. it is a function of its purpose or skopos.*

³ Olivier, Christiane (1980): *Les enfants de Jocaste: L’empreinte de la mère*. Paris: Éditions Denoël.

⁴ Olivier, Christiane (1989a): *Jocasta’s Children: The Imprint of the Mother*. Tradução de George Craig. Londres/Nova York: Routledge.

⁵ Olivier, Christiane (1986): *Os Filhos de Jocasta*. Tradução de Neide Luzia de Resende. Porto Alegre: L&PM. Nota das Tradutoras: a pedido de Nord, a tradução para o português brasileiro da obra de Olivier foi acrescentada e analisada por nós na tradução deste artigo seguindo os parâmetros de análise estabelecidos pela autora.

⁶ Olivier, Christiane (1989b): *Jokastes Kinder: Die Psyche der Frau im Schatten der Mutter*. Tradução de Siegfried Reinke. Munique: dtv.

⁷ Ver o “modelo circular” em Nord ([1991] 2016, p. 71)

⁸ Nota das Tradutoras: A tradução para português não conta com um prefácio da tradutora e as traduções para inglês e alemão foram traduzidas literalmente entre colchetes.

⁹ Há um erro de acentuação no nome Bretécher nos quatro textos do corpus: em português está como Bretecher e nos outros três textos como Brétecher.

¹⁰ Bretécher, Claire (1979/1989): *Les Frustrés 4*. Paris: Claire Bretécher

¹¹ Nota das Tradutoras: ver, por exemplo, a definição de *discurso*, disponível em <https://www.dicio.com.br/discurso/> ou https://aulete.com.br/discurso#google_vignette.